

# A NOVA REPÚBLICA SEM TANCREDO



## Tancredo: "A tolerância como instrumento político"

FOTOS: M. M. / C. M.



Cerca de 1.500 convidados assistiram à missa de réquiem, de manhã, no Planalto



**A** emoção — que atingiu o ápice quando dom Agnelo Rossi aspergiu água benta sobre o corpo de Tancredo — foi a tônica na missa de réquiem celebrada no Palácio do Planalto. Todos lembravam o espírito conciliador do Presidente e, depois de muitos anos, Ulysses e Geisel se cumprimentaram

“o presidente Tancredo Neves, amante de sua família, amou a sua terra, São João Del Rey, Minas e o Brasil. De vida simples, austera e modesta, imprimiu o respeito à verdade, à liberdade e à democracia”.

Foi o que afirmou, ontem, o secretário-geral da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, na homilia da missa de réquiem, celebrada no Palácio do Planalto, na presença de chefes de Estado e de missões especiais, que vieram a Brasília para as solenidades fúnebres do presidente Tancredo Neves.

Para dom Luciano, o presidente Tancredo Neves “reveiou o segredo da tolerância como instrumento político, abriu o seu coração para diversas posições no anseio de grande conciliação. Falou aos corações das crianças, despertou a esperança dos jovens, atingiu a todos. E todos, de todas as classes e camadas sociais, reconhecem na pessoa do presidente Tancredo Neves o seu Presidente”.

O secretário-geral da CNBB lembrou a consagração popular recebida por Tancredo Neves, em vida e em morte, “tão espontânea”, tão ampla, tão sincera como aquela que estamos vivendo. São crianças no colo de seus pais, são jovens, pessoas idosas, são panos brancos desdobrados nas sacadas e nas janelas. São flores, são beijos jogados à distância. É uma consagração popular de um povo que ama, porque sabe que foi e é amado”.

Dom Luciano Mendes lembrou, também, o povo postado, dia e noite, nas calçadas do Hospital de Base de Brasília e do Instituto do Coração, em São Paulo. “Aquele povo simples, rezando, às vezes fazendo distâncias grandes a pé para estar ali em comunhão, pedindo a Deus pelo seu Presidente e pelo

Brasil”. Destacou o exemplo e a grande dedicação de dona Risolte e sua família, a dedicação da equipe médica que atendeu o Presidente “e o exemplo de dedicação dos homens do nosso governo, levando à frente o caminho aberto por Tancredo Neves”.

Na homilia, dom Luciano afirmou que “o Brasil cresceu na consciência de sua unidade e na consciência de sua própria fé”.

Depois de comparar o episódio do papa João Paulo I com a doença e morte do presidente Tancredo Neves, o secretário-geral da CNBB referiu-se, também, a Moisés que, de longe, assistiu ao seu povo entrar na terra prometida. “Ficou apontando ao longe esta terra, e entregou a sua bela alma a Deus”, e assinalou:

“Nós pensamos, também, neste chefe do nosso povo que apontou os caminhos e que ofereceu a sua vida a Deus. Não só uma grande inteligência compõe os seus dotes naturais, mas a sua fé, a sua capacidade de conciliação. Mas, agora, ele fica para nós como aquele que aponta ao longe os caminhos de uma nova sociedade”.

Dom Luciano Mendes de Almeida disse que “temos diante de nós um exemplo de dignidade e de grandeza” e que o Brasil confere à história “um grande nome que será conhecido pelas futuras gerações”. — “Nós temos — afirmou — aqui um exemplo de dignidade, porque Tancredo Neves despertou no coração do povo ainda mais a consciência da própria dignidade. E nós temos como herança, todos, governantes e governados, um anseio de realizar aqueles ideais que ele deu no coração do povo e dos quais ele se fez portador de maior comunhão e participação popular, no uso pleno de seu direito e no cumprimento pleno dos seus deveres”.